



Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

ISSN: 1807-0310

Associação Brasileira de Psicologia Social

Osório, Lúcia; Sani, Ana; Soeiro, Cristina  
VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE NOS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS GAYS E LÉSBICOS  
Psicologia & Sociedade, vol. 32, e170358, 2020  
Associação Brasileira de Psicologia Social

DOI: 10.1590/1807-0310/2020v32i170358

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309363306011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UABM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE NOS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS GAYS E LÉSBICOS

*VIOLENCIA EN LA INTIMIDAD EN LAS RELACIONES HOMOSEXUALES GAYS Y LESBIANAS*

*INTIMATE VIOLENCE IN GAY AND LESBIAN RELATIONSHIPS*

Lúcia Osório<sup>1</sup>, Ana Sani<sup>1 2</sup> e Cristina Soeiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

<sup>2</sup> CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal

<sup>3</sup> Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Lisboa, Portugal

**RESUMO:** O presente estudo teve como objetivo estudar a prevalência da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais, gays e lésbicos. A amostra foi constituída por 48 participantes de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos ( $M=26.50$ ;  $DP=8.011$ ), sendo que 72.9% ( $n=35$ ) se identificam como lésbicas (sexo feminino) e 27.1% ( $n=13$ ) se identificam como gay (sexo masculino). As tipologias de violência identificadas com maior prevalência pelas vítimas foram a violência psicológica, seguindo-se a violência física, a violência socioeconómica e a violência sexual. No contexto de perpetração de abuso, as tipologias de violência identificadas com maior prevalência foram a violência psicológica, seguindo-se a violência física e, por fim, com a mesma prevalência, a violência sexual e a violência socioeconómica. Afirma-se necessário um maior investimento na produção de conhecimento científico nesta área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prevalência; Violência; Parceiros íntimos; Gays; Lésbicas.

**RESUMEN:** El presente estudio tuvo como objetivo estudiar la prevalencia de la violencia en la intimidad en las relaciones homosexuales gays y lesbianas. La muestra del presente estudio está constituida por 48 participantes de nacionalidad portuguesa, con edades comprendidas entre los 18 y los 55 años ( $M=26.50$ ;  $DP=8.011$ ), siendo que el 72.9% ( $n=35$ ) de la muestra se identifica como lesbiana (sexo femenino) y el 27.1% ( $n=13$ ) se identifica como gay (sexo masculino). Las tipologías de violencia identificadas con mayor prevalencia por las víctimas fueron la violencia psicológica, la violencia física, la violencia socioeconómica y la violencia sexual. En el contexto de perpetración de abuso, las tipologías de violencia identificadas con mayor prevalencia fueron la violencia psicológica, luego la violencia física y, por último, con la misma prevalencia, la violencia sexual y la violencia socioeconómica. Es necesario una mayor inversión en la producción de conocimiento científico en esta área.

**PALABRAS CLAVE:** Prevalencia; Violencia; Compañeros íntimos; Gays; Lesbianas.

**ABSTRACT:** This study aimed to study the prevalence of intimate violence in gay and lesbian relationships. The sample of this study consists of 48 participants of Portuguese nationality, aged between 18 and 55 years ( $M=26.50$ ;  $DP=8.011$ ), of which 72.9% ( $n=35$ ) of the sample is identified as lesbian (female) and 27.1% ( $n=13$ ) identifies as gay (male). The types of violence identified with the highest prevalence for the victims was psychological violence, followed by physical violence, socio-economic violence and sexual violence. In the context of abuse perpetration, the types of violence identified with the highest prevalence were psychological violence, followed by physical violence and, finally, with the same prevalence, sexual violence and socio-economic violence. There is a need for greater investment in the production of scientific knowledge in this area.

**KEYWORDS:** Prevalence; Violence; Intimate partner; Gays; Lesbians.

## Introdução

A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, *gays* e *lésbicas*, é um problema inevitavelmente preocupante (Badenes-Ribera, Sánchez-Meca, & Longobardi, 2019; Kulkin, Williams, Borne, Bretonne, & Laurendine, 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Mena, Rodríguez, & Malavé, 2005). Trata-se, portanto, de um problema, individual e social, sobre o qual a investigação internacional se deve debruçar, uma vez que este é um fenômeno que acarreta consequências nefastas, tanto em nível físico como em nível psicológico (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011). A violência íntima entre parceiros homossexuais é uma área, ainda que não em termos de existência, recente em termos de investigação (Dias, 2016). Apesar de se tratar de um problema universal, com uma conotação bastante importante e, por conseguinte, alarmante, a investigação acerca da violência entre casais do mesmo sexo iniciou-se somente no final da década de 80, início da década de 90 (Badenes-Ribera, Bonilla-Campos, Frias-Navarro, Pons-Salvador, & Monterde-i-Bort, 2017; Barros, Sani, & Santos, 2019; Dias, 2016; Kimmes, Mallory, Spencer, Beck, Cafferky, & Stith, 2019). No que diz respeito às estimativas de prevalência de violência entre pessoas do mesmo sexo, estas são variáveis entre sexos, nomeadamente população *lésbica*, *gay* e população no geral (*lésbica*, *gay*, *bissexual*, *transgênero*) (Carvalho et al., 2011). Quanto à prevalência da violência íntima entre parceiros homossexuais *gays*, alguns estudos indicam que entre 42% a 79% da população *gay* é vítima de violência (Burke, Jordan, & Owen, 2002; Carvalho et al., 2011). Outros resultados sugerem que a violência ocorre em cerca de 21 a 50% dos homens parceiros do mesmo sexo (Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt, 2006). No que concerne às pesquisas realizadas em torno da temática *lésbica*, as porcentagens de incidência de violência sugerem que entre 25% a 50% da população *lésbica* é vítima de violência nos seus relacionamentos (Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman, 2008; Lockhart, White, Causby, & Issac, 1994).

No contexto português, denota-se uma escassez de investigação neste sentido. Ainda assim, existem estudos que abordam este tema, nas mais diversas formas (e.g., Antunes & Machado, 2005; Barros et al., 2019; Costa, Machado, & Antunes, 2009; Domingues, 2015; Monteiro & Sani, 2013; Nunan, 2004; Topa, 2009, 2010). No estudo de Antunes e Machado (2005), cujo objetivo era analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, numa amostra de 63 participantes, homens (*gays*) e mulheres (*lésbicas*), constatou-se que 20.6% dos participantes, que estavam na altura envolvidos numa relação, revelam terem sido vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano, e 15.9% admitem terem adotado algum tipo de comportamento violento relativamente ao seu companheiro. No que se refere às atuais relações, a violência psicológica foi referida em 12.7% da amostra relativamente às vítimas. A violência psicológica e a violência física foram igualmente referidas por cerca 9.5% dos participantes que se identificaram como agressores. No que concerne à violência sexual, a mesma não é referenciada em nenhuma vertente (i.e., vítima ou agressor). Quanto às relações íntimas anteriores, 61.9% mencionaram comportamentos de vitimização por parte do companheiro, e 46% revelaram terem assumido algum tipo de comportamento violento contra o companheiro em alguma relação do passado.

Tanto na vertente de vítima quanto na de agressor, predomina a existência de comportamentos agressivos recorrentes (52.4% e 34.9%, respetivamente). Relativamente aos tipos de violência experienciados no passado, os maus-tratos físicos e psicológicos são os mais citados pelos participantes, quer na vertente de vítimas, quer na de agressores (34.9% e 25.4% respetivamente), seguindo-se os maus-tratos psicológicos isolados (19% vítimas

e 12.7% agressores). Em 1.6% da amostra verifica-se a existência de vitimização sexual e psicológica conjunta. No caso de comportamentos violentos perpetrados no passado pelos participantes, a violência sexual é referenciada por 1.6%. Costa e colegas, (2009) no seu estudo, cujo objetivo era analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, com uma amostra de 151 participantes, homens (*gays*) e mulheres (lésbicas), constataram que 37.7% dos participantes revelaram terem sido vítimas de pelos menos um ato abusivo perpetrado pelo companheiro no último ano, e 39.1% dos participantes admitiram terem adotado algum tipo de comportamento violento em relação aos seus parceiros íntimos. Quanto à vitimização, 35.1% dos participantes admitiram terem sido vítimas de pelo menos um ato de violência emocional, 24.5% revelaram terem sido fisicamente agredidos pelo parceiro íntimo e 3.3% admitiram terem sido vítimas de pelo menos um comportamento sexualmente violento por parte do companheiro.

Analisando os comportamentos abusivos perpetrados, verificou-se que a violência psicológica foi referida com maior frequência (30.5%), seguindo-se o maltrato físico (24.5%) e a violência sexual (0.7%). No seu estudo, cujo objetivo era pesquisar a prevalência da violência e as características associadas ao fenómeno da violência nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, tanto no que concerne à vitimização quanto à perpetração, nas relações passadas e presentes, numa amostra de 74 participantes, Domingues (2015) constatou que, no que concerne aos comportamentos de vitimização, relativamente aos tipo de violência de que os participantes foram vítimas nas relações passadas, 32.7% dos *gays* e 42.9% das lésbicas sofreram pelo menos um ato de violência física, quanto às atuais relações, 10.8% dos *gays* e 21.4% das lésbicas mencionaram este tipo de violência. Cerca de 61.2% dos *gays* e 71.4% das lésbicas sofreram pelo menos um ato de violência psicológica/emocional nas relações passadas. Nas atuais relações, 35.1% dos *gays* e 35.7% das lésbicas referem a este comportamento. Relativamente à violência sexual, no que concerne às relações passadas, pelo menos um ato deste teor é referido por 10.2% dos *gays* e 14.3% das lésbicas. No que concerne à atual relação, 2.7% dos *gays* e 7.1% das lésbicas referem pelo menos um comportamento deste teor. Em relação à violência socioeconômica, nos relacionamentos passados, esta é referida por 18.4% dos *gays* e 42.9% das lésbicas, e, relativamente às atuais relações, é mencionada por 10.8% dos *gays* e 14.3% das lésbicas. No que concerne aos comportamentos de perpetração e à violência física, nas relações passadas, 24.5% dos *gays* e 35.7% das lésbicas dizem que praticaram pelo menos um ato desta natureza. Em respeito às atuais relações, 10.8% dos *gays* e 21.4% das lésbicas afirmam ter praticado pelo menos um ato desta natureza. Quanto à violência psicológica/emocional, esta é referida como tendo sido perpetrada pelo menos uma vez nas relações passadas, por 44.9% dos *gays* e 57.1% das lésbicas. Relativamente às atuais relações, é referido por 35.1% dos *gays* e 21.4% das lésbicas. No que diz respeito à violência sexual, pelo menos a prática de um ato é referido por 2% dos *gays* e 7.1% das lésbicas nas relações passadas, e nas atuais relações, este tipo de violência é referido apenas por 2.7% dos *gays*. A violência socioeconômica é referida, relativamente às relações passadas, por 8.2% dos *gays* e 21.4% das lésbicas, e quanto às atuais relações, esta é referida por 5.4% dos *gays* e 7.1% das lésbicas.

Quanto às razões pelas quais este fenómeno da violência íntima entre parceiros do mesmo sexo tem sido ignorado, além da homofobia internalizada intrínseca à comunidade LGBT (Badenes-Ribera et al., 2017; Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2007; Nunan, 2004; Kimmes et al., 2019), acresce ainda a existência de mitos relacionados com os papéis de gênero (a convicção de que os homens cometem agressões e as mulheres são, impreterivelmente, vítimas) (Badenes-Ribera et al., 2015; Barros et al., 2019; Dias, 2016;

Greenwood, Relf, Bu Huang, Pollack, Canchola, & Catania, 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Russell, Kraus, Chapleau, & Oswald, 2019) e com as dinâmicas de relacionamento dos casais homossexuais (e.g., papéis igualitários na díade) (Nunan, 2004), assim como o estigma, a homofobia social e a discriminação (Sutter, Rabinovitch, Trujillo, Perrin, Goldberg, Coston, & Calton, 2018; Kimmes et al., 2019), vigentes na sociedade no que diz respeito ao ser homossexual e, consequentemente, à existência de violência no seio de um casal homossexual (Badenes-Ribera et al., 2015; Greenwood et al., 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005). O presente estudo, uma vez que se foca na problemática da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, tem como principal objetivo avaliar as porcentagens de prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, somente *gays* e lésbicas, no contexto português, relativamente à violência física, psicológica, sexual e socioeconômica, tanto na vertente de vítima quanto na vertente de perpetrador.

## Método

O presente estudo é de caráter exploratório e descritivo, de natureza quantitativa, com recurso a medida de autorrelato.

### *Participantes*

A amostra do presente estudo é por conveniência, constituída por população *gay* e lésbica. De modo a melhor definir os critérios de inclusão da amostra, o estudo dirigiu-se a indivíduos homossexuais assumidos, *gays* e lésbicas, maiores de 18 anos de idade, que estivessem, na altura da recolha dos dados, ou que tenham estado, no passado, numa relação do tipo homossexual, pertencentes à comunidade portuguesa, residentes em Portugal Continental ou nas Regiões Autônomas dos Açores ou da Madeira. A amostra total é constituída por 48 participantes, sendo que 72.9% (n=35) são do sexo feminino e 27.1% (n=13) do sexo masculino. A idade dos participantes varia entre os 18 e os 55 anos (M=26.50; DP=8.011), sendo que as idades com maior destaque são os 23/24 anos (14.6%, n=7) e os 22 anos (12.5%, n=6). No que diz respeito à orientação sexual dos participantes, 72.9% (n=35) identificam-se como lésbica e 27.1% (n=13) identificam-se como *gay*. Quando questionados se se encontram atualmente numa relação, 56.3% (n=27) dos participantes assumem que sim, e 43.8% (n=21) dos participantes dizem que não. Quanto à nacionalidade dos participantes, verifica-se que 100% (n=48) têm nacionalidade portuguesa.

Quanto à escolarização, 64.6% (n=31) possuem ensino superior, cerca de 31.3% (n=15) ensino médio, 2.1% (n=1) o grau de fundamental e 2.1% (n=1) não responderam à questão. No que diz respeito à situação profissional, 52.1% (n=25) encontram-se atualmente ativos, 39.6% (n=19) são estudantes e 8.3% (n=4) estão desempregados(as). Quanto ao distrito de residência, a maioria dos participantes reside no centro do país (60.4%, n=29), seguindo-se o norte do país, com 22.9% (n=11) da amostra, o sul do país, com 12.5% (n=6) da amostra, e, por fim, as regiões autônomas dos Açores e Madeira com 4.2% (n=2) da amostra. Em termos de classe social dos participantes, 58.3% (n=28) pertencem à classe média, 37.5% (n=18) à classe média-baixa e 4.2% (n=2) à classe baixa.

## *Instrumento*

No presente estudo, recorreu-se ao método do inquérito, com a técnica do questionário. O instrumento utilizado foi a Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica (adaptado de *Violence and Abuse in Same-Sex Relationships* de Noret & Richards, 2003, citado por Richards, Noret, & Rivers, 2003), que pretende avaliar a prevalência da violência nas relações, presentes e passadas, entre pessoas do mesmo sexo, e analisar quais os fatores de risco associados ao fenómeno. Em termos específicos, esta escala determina as características sociodemográficas da população a estudar (vítimas e perpetradores de violência), assim como a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados; quais os fatores de risco associados ao fenómeno; assim como as estratégias utilizadas para fazer face à violência. A escala é constituída por 42 itens, agrupados em seis secções.

## *Procedimentos*

Numa fase inicial, optou-se por realizar a construção do instrumento, i.e., realizar a sua adaptação com as alterações necessárias, de modo a colocar-se o instrumento em formato de escala, assim como proceder-se à inclusão de outras variáveis a estudar. Seguidamente, a escala, juntamente, com as instruções acerca da forma mais acessível e correta de preenchimento da mesma, o objetivo e descrição do estudo, a importância da participação e a confidencialidade, termo de aceitação, em conformidade com todos os procedimentos éticos e deontológicos, foi disponibilizada, em formato digital, numa plataforma *online* – *Google Docs* – para que pudesse ser preenchida pelos participantes do estudo. Após a colocação do estudo *online*, foi solicitada a colaboração de várias entidades e associações LGBT+, assim como de associações de apoio à vítima. Procedeu-se também à divulgação do estudo em associações/núcleos de estudantes, nas redes sociais e através do envio de *e-mails*, através de contactos pessoais (método *snowball*), para possibilitar maior adesão ao estudo, a participação de um maior número de participantes. A recolha de dados realizou-se entre janeiro e julho de 2016, sendo que a escala esteve disponível *online* durante esse período.

Uma vez que o objetivo deste estudo é estudar a prevalência da violência em relacionamentos íntimos, tanto nas relações passadas quanto nas atuais relações, no que diz respeito à vitimação e à agressão, e após a análise realizada, sendo que uma vez que nem todos os inquiridos apresentaram prevalência de relações abusivas, o total da amostra ficou em  $n=42$ , excluindo-se assim seis participantes (lésbicas,  $n=6$ ), por não cumprirem os pressupostos i.e., já terem vivenciado uma relação abusiva. Após o término da recolha de dados, e de modo a analisar as respostas, as respectivas respostas foram introduzidas numa planilha do Excel, e apenas aquelas que permitiram responder aos objetivos previamente definidos e que preencheram os critérios de inclusão da amostra foram transportadas para a base de dados do *software IBM Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 22.0, de modo a proceder a análise estatística dos dados e posterior análise dos resultados. É pertinente referir que só foram consideradas, neste estudo, as respostas que cumpriram os critérios de inclusão de participação.

Numa primeira fase, relativa à análise estatística, procedeu-se a análise exploratória da informação sociodemográfica da amostra, e, numa segunda fase, procedeu-se a análise exploratória das respostas e, por conseguinte, dos resultados obtidos através do instrumento. No que diz respeito à categoria da prevalência de violência (vitimização) nas

relações atuais, optou-se por não avaliar a mesma, uma vez que somente duas participantes do sexo feminino responderam as questões e apenas a algumas das questões colocadas, não se tratando, portanto, de um resultado representativo.

## Resultados

### *Prevalência da vitimização de violência em relações passadas*

Relativamente à prevalência da violência nas relações passadas, os tipos de violência mais identificados pelas vítimas foram a violência psicológica, com 97.6% da amostra (n=41), seguindo-se a violência física, com 88.1% da amostra (n=37), a violência socioeconômica, com 47.6% da amostra (n=20) e, por fim, a violência sexual, com cerca de 33.3% da amostra (n=14). No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos mais identificados foram a violência psicológica, por 100% da amostra *gay* (n=13), e 96.6% da amostra lésbica (n=28), seguindo-se a violência física, por 89.7% da amostra lésbica (n=26), e 84.6% da amostra *gay* (n=11), posteriormente a violência socioeconômica, por 48.3% da amostra lésbica (n=14) e 46.2% da amostra *gay* (n=6) e, por fim, a violência sexual, por 34.5% da amostra lésbica (n=10) e 30.8% da amostra *gay* (n=4). Quanto à reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a), e de acordo com a orientação sexual, conclui-se que os comportamentos com maior porcentagem de resposta são: “Prometia que mudava”, com 46.2% da população *gay*, em “poucas vezes”, e 34.5% da população lésbica, em “sempre”; “Prometia que não tornaria a acontecer”, com 38.5% da população *gay*, em “poucas vezes”, e 27.6% da população lésbica, em “sempre”, e “Desculpava-se”, com 34.5% da população lésbica, em “algumas vezes”, e 30.8% da população *gay*, em “poucas vezes”. Questionados sobre se alguma vez reportaram a alguém o abuso, 61.9% dos participantes (n=26) refere que sim, nomeadamente 62.1% das lésbicas (n=18) e 61.5% dos *gays* (n=8). De acordo com os participantes que responderam sim, as pessoas/entidades a quem reportaram o abuso sofrido, a opção mais referida pelos participantes foi “amigo(s)”, com 62.5% da população *gay*, em “sempre”, e 33.3% da população lésbica, em “algumas vezes”. Relativamente ao porquê de não reportar o abuso, e de acordo com a orientação sexual, a opção mais referenciada foi “Não acreditei que a minha situação seria grave”, por 33.3% da população *gay*, em “muitas vezes”, e 33.3% da população lésbica, em “sempre”. No que concerne à questão se sofreu algum tipo de abuso após o término da relação, 50% (n=21) dos participantes refere que sim, cerca de 58.6% das lésbicas (n=17) e 30.8% dos *gays* (n=4) e 50% (n=21) refere que não, nomeadamente 41.4% das lésbicas (n=12) e 69.2% dos *gays* (n=9), sendo que a porcentagem é mais elevada para o “sim”, no que diz respeito à população lésbica e mais elevada, quanto à população *gay*, relativamente ao “não”. No que diz respeito ao(s) tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após o término da relação, de acordo com a orientação sexual, o tipo de abuso mais referido pelos participantes foi “tentou entrar em contato comigo, enviando cartas, bilhetes, *e-mails* ou telefonando sem que lhe fosse pedido”, por cerca de 30.8% da população *gay*, em “poucas vezes”, e 24.1% da população lésbica, em “sempre”.

### *Prevalência do abuso cometido contra o(a) parceiro(a) nas atuais e nas relações passadas*

No que diz respeito ao abuso cometido contra o(a) parceiro(a), 85.7% (n=36) dos participantes referem que cometeram o abuso apenas em relacionamentos passados, nomeadamente 82.8% das lésbicas (n=24) e 92.3% dos *gays* (n=12). Cerca de 14.3% (n=6) dos participantes referem que cometeram o abuso em relacionamentos passados e no atual relacionamento, i.e., 17.2% das lésbicas (n=5) e 7.7% dos *gays* (n=1). No que concerne ao(s) abuso(s) cometido(s), os tipos de violência mais identificados pelos perpetradores foram a violência psicológica, com 66.7% (n=28) da amostra, seguindo-se a violência física, com 45.2% (n=19) da amostra e, por fim, a violência sexual e a violência socioeconômica, ambas com apenas um participante a relatá-la. Quanto à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados foram a violência psicológica, com 69.2% (n=9) da amostra *gay* e 65.5% (n=19) da amostra lésbica, seguindo-se a violência física, com 48.3% (n=14) da amostra lésbica e 38.5% (n=5) da amostra *gay*. Por fim, a violência sexual foi identificada como tendo sido perpetrada por 7.7% (n=1) da amostra *gay*, e a violência socioeconômica também por 7.7% (n=1) da amostra *gay*. Quanto a saber se o(s) parceiro(a) sofre/sofreu ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo, 83.3% (n=35) dos participantes referem que não, nomeadamente 86.2% das lésbicas (n=25) e 76.9% dos *gays* (n=10). No que concerne ao(s) ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreram como resultado do comportamento abusivo, o comportamento mais referido foi “arranhões”, por 14.3% da população lésbica, em “algumas vezes”, e 9.1% da população *gay*, em “poucas vezes”. No que diz respeito ao sentimento presente no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a), nas atuais e nas relações passadas, os mais referidos foram “Sinto-me mal”, por 34.5% das lésbicas e 23.1% dos *gays*, em “sempre”; “Arrependo-me”, por 27.6% das lésbicas e 23.1% dos *gays*, em “sempre”, e “Sinto-me bem”, por 15.4% dos *gays* e 6.9% das lésbicas, em “poucas vezes”. No que concerne ao comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu comportamento abusivo, o comportamento com maior percentagem foi “Perder contato com amigos”, por 10.3% da população lésbica e 7.7% da população *gay*, em “algumas vezes”.

## Discussão

De forma a colmatar a escassa existência de bibliografia nacional nesta problemática, o presente estudo teve como principal objetivo contribuir para a evolução da investigação e, consequentemente, para a inovação do panorama nacional relativamente ao estudo da prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, *gays* e lésbicas, em particular quanto ao estudo das tipologias de abuso e aos comportamentos de procura de auxílio, fazendo uma distinção entre comportamentos de vitimização e comportamentos de perpetração. Contudo, e por razões alheias aos esforço depositado no presente estudo, determinadas variáveis não puderam ser estudadas devido à amostra de pequena dimensão que se conseguiu recolher, às diferenças relativamente à orientação sexual da amostra, impossibilitando, em grande escala, uma comparação legítima, assim como devido aos *missings* existentes no que diz respeito ao conteúdo das respostas.

Num primeiro momento, torna-se pertinente referir as diferenças na orientação sexual dos participantes, sendo que 72.9% (n=35) têm uma orientação sexual lésbica e 27.1% (n=13) uma orientação sexual *gay*, assim sendo, tem que se ter em conta estas diferenças na análise realizada.

No que concerne à prevalência da violência nas relações passadas, os tipos de violência mais identificados pelas vítimas foram a violência psicológica, com 97.6% da amostra, seguindo-se a violência física, com 88.1% da amostra, a violência socioeconômica, com 47.6% da amostra e, por fim, a violência sexual, com cerca de 33.3% da amostra, o que vem corroborar os resultados dos estudos realizados acerca desta temática, que nos demonstram esta sequência de tipos de violência (e.g., Burke et al., 2002; Eaton et al., 2008; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Turell, 2000). No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os mais identificados foram a violência psicológica, por 100% da amostra *gay* e 96.6% da amostra lésbica (demonstrando uma maior predisposição da população *gay* para a vitimização psicológica), seguindo-se a violência física, por 89.7% da amostra lésbica e 84.6% da amostra *gay* (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimização física), posteriormente a violência socioeconômica, por 48.3% da amostra lésbica e 46.2% da amostra *gay*, (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimização socioeconômica) e, por fim, a violência sexual, por 34.5% da amostra lésbica e 30.8% da amostra *gay*, (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimização sexual). Estas porcentagens de prevalência de violência ultrapassam os resultados apresentados em estudos recentes, cujos valores variam entre os 17% e os 52%, e entre os 25% e os 50% em relacionamentos *gays* e lésbicos, respetivamente (Carvalho et al., 2011; Eaton et al., 2008). Contudo, estes resultados não podem ser generalizáveis, devido às diferenças de sexos na amostra estudada. Ainda assim, é de constatar que o tipo de violência mais referido, apresentando maiores porcentagens, é a violência psicológica, o que vai ao encontro dos resultados da maioria dos estudos nacionais e internacionais (Antunes & Machado, 2005; Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Eaton et al., 2008; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Lockhart et al., 1994; McClennen, Summers, & Daley, 2002; Mena et al., 2005; Ristock, 2003; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Turell, 2000). Estes resultados corroboram o que Messinger (2011) afirmou no seu trabalho, que as médias para a vitimização na violência física e sexual entre parceiros íntimos são mais elevadas no que diz respeito às mulheres. Quanto à reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a), e de acordo com a orientação sexual, conclui-se que os comportamentos com maior porcentagem de resposta são: “prometia que mudava”, “prometia que não tornaria a acontecer” e “desculpava-se”, o que é consistente com a terceira fase do ciclo de violência. Nesta fase o agressor, posteriormente ao episódio de violência, modifica o seu comportamento, tratando a vítima com carinho e atenção, demonstrando arrependimento, desculpando-se pelas agressões, enfatizando a mudança no seu comportamento, levando a vítima a acreditar que os episódios de violência são casos isolados que não se voltarão a repetir (Nunan, 2004; Walker, 2009), podendo resultar na diminuição ou na extinção desta fase (lua-de-mel), tomando a segunda fase (ataque violento: na qual são perpetrados atos de violência física e/ou psicológica por parte do agressor sobre a vítima) maior intensidade e frequência (Walker, 2009). Quanto a saber se alguma vez reportaram a alguém o abuso, 61.9% (n=26) dos participantes, a maioria, referem que sim. No que diz respeito, e de acordo com os participantes que responderam que sim, às pessoas/entidades a quem reportaram o abuso sofrido, a opção mais referida pelos participantes foi aos amigos, com 62.5% da população *gay* e 33.3% da população lésbica. Esta opção pode ser explicada pelo fato de, muitas vezes, estas relações se tratarem de relações interditas (Nunan, 2004), em que os indivíduos constituintes das mesmas podem apenas ter contado sobre a sua orientação sexual aos amigos ou a pessoas

próximas, ou pode dever-se também ao fato de as vítimas terem uma percepção errada sobre a sua relação, ou quererem proteger o agressor (Nunan, 2004). Quanto ao porquê de não reportar o abuso e de acordo com a orientação sexual, a opção mais referenciada foi “não acreditei que a minha situação seria grave”, por 33.3% da população *gay* e 33.3% da população lésbica. Esta questão pode estar interligada com o fato de a vítima não se perceber como tal, podendo, assim, minimizar os comportamentos de violência, ou ter uma ideia errada da sua situação relacional (Turell, 2000), assim como, e o que é passível de acontecer, a vítima ter um papel ambíguo, i.e., vítima-agressor (Murray et al., 2007; Stanley et al., 2006). Relativamente à questão se sofreu algum tipo de abuso após o término da relação, 50% ( $n=21$ ) dos participantes referem que sim, cerca de 58.6% das lésbicas ( $n=17$ ) e 30.8% dos *gays* ( $n=4$ ) e 50% ( $n=21$ ) referem que não, nomeadamente 41.4% das lésbicas ( $n=12$ ) e 69.2% dos *gays* ( $n=9$ ), sendo que a percentagem é mais elevada para o “sim”, no que diz respeito à população lésbica, e mais elevada para o “não”, no que diz respeito à população *gay*. No que se refere ao(s) tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após o término da relação, o mais referido pelos participantes é “tentou entrar em contacto comigo, enviando cartas, bilhetes, *e-mails* ou telefonando sem que lhe fosse pedido”, i.e., comportamentos de perseguição-assédio, por cerca de 30.8% da população *gay* e 24.1% da população lésbica. Esta questão reforça o que foi demonstrado no estudo de Hester, Donovan e Fahmy (2010), no qual se constatou que a violência permanecia após o término da relação.

No que se refere à prevalência do abuso cometido contra o(a) parceiro(a), 85.7% ( $n=36$ ) dos participantes da amostra referem que cometeram o abuso apenas em relacionamentos passados, nomeadamente 82.8% das lésbicas ( $n=24$ ) e 92.3% dos *gays* ( $n=12$ ). Esta incidência pode estar, por um lado, relacionada com a desejabilidade social, o que resulta no fato de a população LGBT+ não querer passar a imagem de que os relacionamentos homossexuais também têm uma conotação violenta, e, por outro, não se podendo descurar essa realidade, pelo simples fato de os agressores terem assumido uma mudança de comportamento. Cerca de 14.3% ( $n=6$ ) dos participantes referem que cometeram o abuso em relacionamentos passados e no atual relacionamento, 17.2% das lésbicas ( $n=5$ ) e 7.7% dos *gays* ( $n=1$ ). Os tipos de violência mais identificados pelos perpetradores de agressão são a violência psicológica, com 66.7% ( $n=28$ ) da amostra, seguindo-se a violência física, com 45.2% ( $n=19$ ) da amostra e, por fim, a violência sexual e a violência socioeconômica, ambas com percentagens baixas, i.e., apenas um participante relatou ter cometido esse tipo de abuso. Estes resultados vão ao encontro dos referidos na bibliografia, cujos resultados apresentam os tipos de violência pela mesma ordem de prevalência (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004). No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados são a violência psicológica, com 69.2% ( $n=9$ ) da amostra *gay* e 65.5% ( $n=19$ ) da amostra lésbica (existindo maior predisposição da amostra *gay* para a perpetração de violência psicológica), seguindo-se a violência física, com 48.3% ( $n=14$ ) da amostra lésbica e 38.5% ( $n=5$ ) da amostra *gay* (verificando-se maior predisposição da amostra lésbica para a perpetração de violência física), e, por fim, a violência sexual identificada como tendo sido perpetrada por 7.7% ( $n=1$ ) da amostra *gay*, e a violência socioeconômica, também por 7.7% ( $n=1$ ) da amostra *gay*. Estes resultados são consistentes com os apresentados na literatura, no que diz respeito aos comportamentos violentos perpetrados, os que assumem maior prevalência são o abuso psicológico, seguindo-se o físico e, posteriormente, o sexual e o socioeconômico (Antunes & Machado, 2005; Bartholomew et al., 2008; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Oringher

& Samuelson, 2011; Stanley *et al.*, 2006; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004). É de salientar a inexistência de resultados no que concerne à perpetração de violência sexual e socioeconômica na população lésbica. No que diz respeito se o(a) parceiro(a) sofreu ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo, 83.3% (n=35) dos participantes referem que não, nomeadamente 86.2% das lésbicas (n=25) e 76.9% dos *gays* (n=10). No que concerne ao(s) ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreu como resultado do comportamento abusivo, o mais referido foi de violência física (e. g., arranhões), por 14.3% da população lésbica e 9.1% da população *gay*, demonstrando porcentagens baixas. Relativamente ao(s) sentimento(s) presente(s) no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a), nas atuais e nas relações passadas, os mais referidos foram “sinto-me mal” e “arrependo-me”. Comportamentos estes, típicos das dinâmicas da fase de lua-de-mel apresentadas no ciclo de violência doméstica (Walker, 2009), em que o agressor demonstra arrependimento, evidenciando uma mudança de comportamento. No que concerne ao(s) comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu próprio comportamento abusivo, o comportamento com maior porcentagem é, ainda que em pequena porcentagem, “perder contacto com amigos”, por 10.3% da população lésbica e 7.7% da população *gay*.

## Conclusão

O fenômeno da violência íntima entre parceiros do mesmo sexo é um problema alarmante, de tal forma, que urge a necessidade de evolução da investigação e intervenção na mesma, uma vez que se trata de um problema em que as consequências resultantes são diversas e que se repercutem em nível individual e social. É um problema imensas vezes minimizado. Contudo, a violência trata-se de um fenômeno que não se encontra inerente ao gênero ou à orientação sexual (Dias, 2016). Apesar de se assistir a um crescente reconhecimento científico relativamente à existência de violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros do mesmo sexo, é patente a necessidade de se desenvolverem pesquisas que abordem esta problemática (Burke et al., 2002; Kimmes et al., 2019; McClennen, 2005), tornando-se imprescindível trabalhar-se questões como a formação dos profissionais que trabalham com a população LGBTQ+, propiciando, assim, o desenvolvimento e a implementação de programas de prevenção e intervenção adequados, tanto às vítimas quanto aos agressores LGBTQ+ (Badenes-Ribera et al., 2015; McClennen, 2005; Nunan, 2004; Roberts, 2005), afigurando-se necessário, também, o desenvolvimento de programas de formação e campanhas direcionadas à própria comunidade LGBTQ+, de modo a aumentar o seu conhecimento sobre esta problemática (Badenes-Ribera et al., 2015), e por forma a desconstruir os mitos (Dias, 2016) e as barreiras ainda existentes entre a população LGBTQ+ e a sociedade no geral. Constata-se, contudo, e para uma melhor abordagem do fenômeno, a necessidade de maior receptividade aos estudos por parte da população visada e das instituições que prestam auxílio à mesma.

O presente estudo é uma mais valia para a investigação nacional, uma vez que estuda a prevalência do fenômeno, mostrando que a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo é uma realidade inevitável, cujas porcentagens são alarmantes.

### *Limitações do presente estudo*

Tendo em conta se tratar do estudo de uma problemática ainda em desenvolvimento, o presente estudo apresenta limitações, nomeadamente ao nível da amostra, sendo que é uma amostra de pequena dimensão e com uma elevada diferença entre sexos, o que limita em grande parte a comparação dos resultados, colocando em causa a expressividade dos mesmos.

Outra das limitações do presente estudo tem que ver com o recurso do autorrelato (resposta *online*). Este fator pode ser limitativo na medida em que não se tem forma de saber se os resultados são fidedignos, uma vez que pode existir subreportação de comportamentos/ episódios, sendo que tanto as vítimas quanto os agressores podem não identificar-se como tal, assim como pode existir enviesamento das respostas. Contudo, e não existindo outra forma mais viável de o realizar, uma vez que se trata de uma população estigmatizada, cuja obtenção de amostra é uma tarefa difícil, apela-se ao bom senso dos participantes. Outra limitação prende-se com o fato de existir elevada percentagem de respostas não válidas, e elevada percentagem de *missings*, uma vez que nem todos os participantes responderam às questões, impossibilitando a análise de determinadas variáveis (e.g., prevalência da violência – vitimização – nas relações atuais) e, por conseguinte, a expressividade dos resultados.

### *Recomendações para estudos futuros*

Por forma a ultrapassar os problemas existentes na investigação nesta área, estudos futuros devem utilizar um conceito uniformizado no que diz respeito à definição da problemática e à definição das tipologias de violência entre parceiros íntimos, metodologias (Barros et al., 2019; Chong, Mak, & Kwong, 2013) e instrumentos específicos do estudo do fenómeno na vertente homossexual, fazer distinção na análise dos dados (i.e., vítimas – perpetradores; masculino – feminino) (Badenes-Ribera et al., 2015; Finneran & Stephenson, 2012), utilizando amostras representativas (Roberts, 2005). Seria, também, interessante investir-se no estudo da problemática da saúde mental no contexto da violência em relacionamentos homossexuais, com a finalidade de se explorar se a mesma influencia, de algum modo, a vitimização e/ou a perpetração de violência, assim como investir-se na realização de estudos longitudinais, o que em Portugal se afigura escasso.

## Referências

- Antunes, R. & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Badenes-Ribera, L., Bonilla-Campos, A., Frias-Navarro, D., Pons-Salvador, G., & Monderde-i-Bort, H. (2015). Intimate partner violence in self-identified lesbians: A systematic review of its prevalence and correlates. *Trauma, Violence, & Abuse*, 17(3), 284-297.
- Badenes-Ribera, L., Sánchez-Meca, J., & Longobardi, C. (2019). The relationship between internalized homophobia and intimate partner violence in same-sex relationships: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(3), 331-343. 152483801770878. doi:10.1177/1524838017708781
- Barros, I. C., Sani, A., & Santos, L. (2019). Gender and same-sex intimate partner violence: A systematic literature review. *Temas em Psicologia*, 27(1), 127-139. doi:10.9788/tp2019.1-10

- Bartholomew, K., Regan, K., White, M., & Oram, D.** (2008). Patterns of abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(5), 617-636. doi: 10.1891/0886-6708.23.5.617
- Burke, W., Jordan, L., & Owen, S.** (2002). A cross-national comparison of gay and lesbian domestic violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257. doi: 10.1177/1043986202018003003
- Carvalho, A., Lewis, R., Derlega, V., Winstead, B., & Viggiano, C.** (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 26, 501-509. doi: 10.1007/s10896-011-9384-2
- Chong, E., Mak, W., & Kwong, M.** (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in hong kong. *Journal of Interpersonal Violence*, XX(X), 1-22. doi: 10.1177/0886260512468229
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R.** (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Recuperado de <https://www.rea.pt/artigos-cientificos/>
- Dias, I.** (2016). A violência íntima entre casais do mesmo sexo: Desafios teóricos e metodológicos. In L. Nunes, A. Sani, & S. Caridade (Coords.), *Crime, justiça e sociedade: Visões Interdisciplinares* (pp. 25-53). Porto, PORT: Edições Criap.
- Domingues, H.** (2015). *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Jurídica, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Eaton, L., Kaufman, M., Fuhrel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H., & Kalichman, C.** (2008). Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships. *Journal of Family Violence*, 23(8), 697-705. doi:10.1007/s10896-008-9194-3
- Finneran, C. & Stephenson, R.** (2012). Intimate partner violence among men who have sex with men: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 168-185. doi: 10.1177/1524838012470034
- Greenwood, L., Relf, V., Bu Huang, B., Pollack, M., Canchola, A., & Catania, A.** (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 92(12), 1964-1969. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447360/>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E.** (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying samesex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(3), 251-263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Houston, E. & McKirnan, D.** (2007). Intimate partner abuse among gay and bisexual men: Risk correlates and health outcomes. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 84(5), 681-690. doi:10.1007/s11524-007-9188-0
- Kimmes, J. G., Mallory, A. B., Spencer, C., Beck, A. R., Cafferky, B., & Stith, S. M.** (2019). *A meta-analysis of risk markers for intimate partner violence in same-sex relationships*. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20(3), 374-384. 152483801770878. doi:10.1177/1524838017708784
- Kulkin, H., Williams, J., Borne, H., Bretonne, D., & Laurendine, J.** (2007). A review of research on violence in same-gender couples: A resource for clinicians. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 71-87. doi: 10.1080/00918360802101385
- Lockhart, L., White, W., Causby, V., & Isaac, A.** (1994). Letting out the secret: Violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(4), 469-492.
- Madera, S., & Toro-Alfonso, J.** (2005). Description of a domestic violence measure for puerto rican gay males. *Journal of Homosexuality*, 50(1), 155-173. doi: 10.1300/J082v50n01\_08

- McClennen, J.** (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 149-154. doi: 10.1177/0886260504268762
- McClennen, J., Summers, A., & Daley, J.** (2002). The lesbian partner abuse scale. *Research on Social Work Practice*, 12(2), 277-292.
- Mena, F., Rodríguez, J., & Malavé, S.** (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Interamerican Journal of Psychology*, 39(3), 449-456.
- Messinger, A.** (2011). Invisible victims: Same-sex ipv in the national violence against women survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(11), 2228-2243. doi: 10.1177/0886260510383023
- Monteiro, V. & Sani, A.** (2013). Violência doméstica entre casais homossexuais - “Quebrando barreiras, formando profissionais”. In A. Sani & S. Caridade (Cords), *Violência, agressão e vitimização: Práticas para a intervenção* (pp.149-170). Coimbra, PT: Edições Almedina.
- Murray, E., Mobley, K., Buford, P., & Seaman-DeJohn, M.** (2007). Same-sex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- Nunan, A.** (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *Psico*, 35(1), 69-78.
- Oringer, J. & Samuelson, K.** (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology*, 17(2), 68-74. doi: 10.1177/1534765610395620
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I.** (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. *Social Inclusion & Diversity*, 5, 3-33. Leeds: University of Leeds. 5, 3-33. [http://assets.mesmac.co.uk/images/violence\\_and\\_abuse.pdf?mtime=20151103143344](http://assets.mesmac.co.uk/images/violence_and_abuse.pdf?mtime=20151103143344)
- Ristock, J.** (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships: Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American Journal of Community Psychology*, 31(3/4), 329-341.
- Roberts, J.** (2005). An integrative review of intimate partner violence among men who have sex with men: Correlates of victimization and development of a conceptual framework. *Humanity and Society*, 29(2), 126-136.
- Russell, B., Kraus, S. W., Chapleau, K. M., & Oswald, D.** (2019). Perceptions of blame in intimate partner violence: The role of the perpetrator’s ability to arouse fear of injury in the victim. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(5), 1089-1097. doi:10.1177/0886260516646999
- Stanley, J., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D., & Landolt, M.** (2006). Intimate violence in male same-sex relationships. *Journal of Family Violence*, 21(1), 31-41. doi: 10.1007/s10896-005-9008-9
- Sutter, M. E., Rabinovitch, A. E., Trujillo, M. A., Perrin, P. B., Goldberg, L. D., Coston, B. M., & Calton, J. M.** (2018). Patterns of intimate partner violence victimization and perpetration among sexual minority women: A latent class analysis. *Violence Against Women*, 25(5), 572-592. doi:10.1177/1077801218794307
- Topa, M.** (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10216/54976>
- Topa, H.** (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES Online*, 2(1), 13-21.
- Toro-Alfonso, J. & Rodríguez-Madera, S.** (2004). Domestic violence in puerto rican gay male couples: Perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(6), 639-654. doi: 10.1177/0886260504263873

**Turell, S.** (2000). A descriptive analysis of same-sex relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence*, 15(3), 281-293.

**Walker, A. E.** (2009). Descriptions of violence and the cycle of violence. In *The battered woman syndrome* (pp. 85-105). New York: Springer Publishing Company.

### LÚCIA OSÓRIO

<https://orcid.org/0000-0002-2324-9795>

Mestre em Psicologia Jurídica pela Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Endereço institucional: Praça 9 de abril, 349 -4249-004 Porto, Portugal.

E-mail: [luciafilipa@hotmail.com](mailto:luciafilipa@hotmail.com)

### ANA SANI

<https://orcid.org/0000-0003-1776-2442>

Professora Associada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa (UFP); Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho (UM). Coordenadora do Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e de Crime na UFP. Investigadora integrada externa no CIEC—Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal.

E-mail: [anasani@ufp.edu.pt](mailto:anasani@ufp.edu.pt)

### CRISTINA SOEIRO

<https://orcid.org/0000-0001-6173-3337>

Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz (ISCSEM). Doutorada em Psicologia da Justiça pela Universidade do Minho. Coordenadora da Licenciatura em Psicologia e Mestrado em Psicologia Forense e Criminal no ISCSEM.

E-mail: [c.soeiro@netcabo.pt](mailto:c.soeiro@netcabo.pt)

<b>Histórico</b>	<p><b>Submissão:</b> 08/10/2017</p> <p><b>Revisão:</b> 13/11/2019</p> <p><b>Aceite:</b> 06/12/2019</p>
<b>Contribuição</b>	<p><b>Concepção:</b> L.O.; A.S.; C.S.</p> <p><b>Coleta de dados:</b> L.O.;</p> <p><b>Análise de dados:</b> L.O.; A.S.; C.S.</p> <p><b>Elaboração do manuscrito:</b> L.O.; A.S.; C.S.</p> <p><b>Crítico revisões de conteúdo intelectual importante:</b> A.S.; C.S.</p> <p><b>Final aprovação do manuscrito:</b> A.S.; C.S.</p>
<b>Financiamento</b>	Não houve financiamento para a pesquisa.
<b>Consentimento de uso de imagem</b>	Foi obtido o consentimento escrito dos participantes e/ou do detentor dos direitos autorais sobre a imagem